

PESQUISA Novo modelo de plantio aproveita biodiversidade da floresta para evitar doença e aumentar a produtividade

“Ilhas” protegem seringal na Amazônia

Fotos: Carlos Carvalho/Folha Imagem

CARLOS CARVALHO
free-lance para a Folha

Um novo modelo de plantio de seringueiras, proposto pelo professor Paulo Kageyama, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP), pode recuperar a produção de látex na Amazônia.

Especialista em reprodução genética de espécies vegetais, Kageyama quer retomar a idéia de adensamento do seringal, mas de forma diferente da realizada na década de 70.

Naquela época, por meio do Probor (Programa de Incentivo à Produção de Borracha Vegetal), o governo investiu em grandes plantações contínuas de seringueiras, que acabaram dizimadas por uma doença endêmica conhecida como mal-das-folhas.

Ao visitar a reserva extrativista Chico Mendes no Acre, em 1990, Kageyama percebeu que pequenos grupos de seringueiras ou mesmo

árvores isoladas dentro da floresta não apresentavam o mal-das-folhas.

Sua conclusão foi que essas árvores formam pequenas “ilhas” envoltas pela floresta.

A biodiversidade que compõe a floresta tropical circunda a “ilha” e cria uma barreira de proteção contra a propagação do fungo responsável pelo mal-das-folhas.

A proposta consiste em selecionar as seringueiras mais produtivas e, a partir delas, realizar pequenas plantações de no máximo 400 árvores, formando então pequenas “ilhas” de seringueiras de alta produção dentro da floresta.

Segundo Paulo Kageyama, esse modelo utiliza a biodiversidade da floresta para proteger o seringal do fungo causador do mal-das-folhas.

Além disso, as “ilhas de alta produtividade”, como é chamado o modelo, poderão recuperar a competitividade dos seringais da Amazônia.



O professor Paulo Kageyama, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, orienta os seringueiros da reserva extrativista Chico Mendes

Modelo reduz tempo de coleta

free-lance para a Folha

Como serão formadas com o plantio de no máximo 400 árvores num espaço de 1 ha, as “ilhas de alta produtividade” podem tornar possível ao seringueiro fazer a sangria e coleta do látex em apenas três horas.

Nos seringais nativos esse trabalho chega a durar o dia inteiro. As árvores estão dispersas na floresta de acordo com a sua incidência natural e o espaçamento entre elas varia.

Para extrair o látex, o seringueiro aplica um corte superficial na casca da árvore.

O látex fica escorrendo em uma pequena tigela que o seringueiro fixa na casca da árvore.

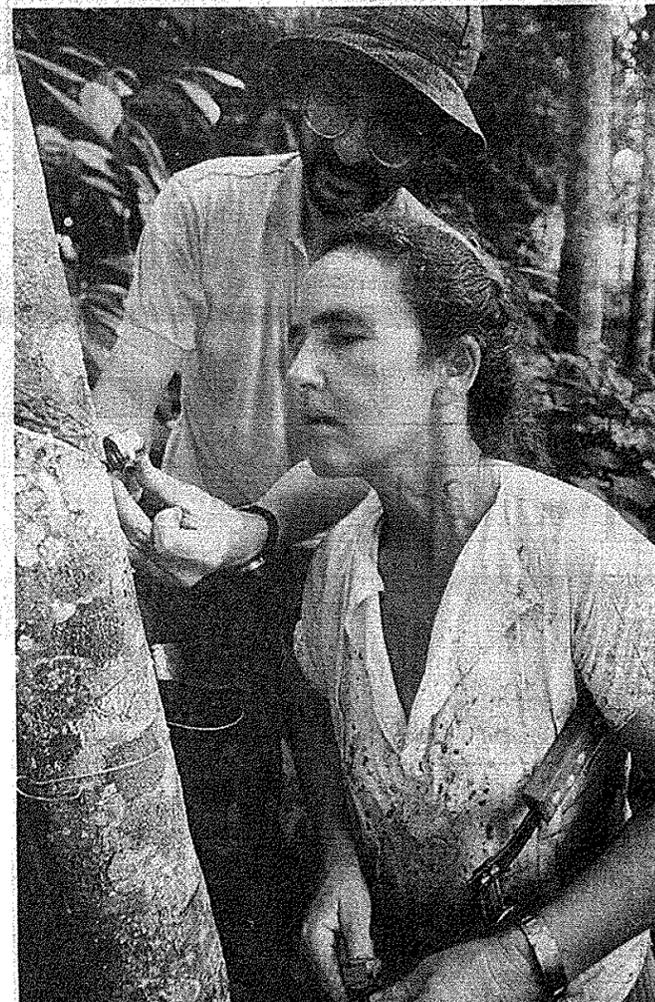
O seringueiro amazônico chama de estrada de seringa o grupo mé-

dio de 150 árvores que ele sangra três vezes por semana.

A sangria de uma estrada de seringa toma praticamente todo o dia do seringueiro.

Nos seringais cultivados, as árvores são plantadas com espaçamento de 3,5 metros por 7 metros, sendo possível fazer a sangria de até 400 árvores em apenas três horas.

O projeto das “ilhas de alta produtividade” foi oficializado no final de 95, por meio de um convênio firmado entre a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e o Parque Zoológico da Universidade Federal do Acre, com financiamento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).



Edir da Silva faz sangria de seringueira no município de Acrelândia